

VARIAÇÃO NA ORDEM O-V NO ESPANHOL ANTIGO

EVIDÊNCIAS DE UM PROCESSO DE COMPETIÇÃO DE GRAMÁTICAS A PARTIR DO CONTATO ENTRE LÍNGUAS

Carlos Felipe Pinto

INTRODUÇÃO¹

Vários trabalhos no quadro gerativo têm mostrado que as línguas românicas antigas apresentavam uma gramática V2: Ribeiro (1995) para o português, Fontana (1993) para o espanhol, Adams (1987) para o francês, Benincà (1995) para os dialetos italianos. Considerando o caso do espanhol europeu, diversos estudos mostraram que o espanhol antigo tinha uma estrutura gramatical diferente da estrutura do espanhol atual. Embora alguns desses estudos possam não coincidir na análise proposta para os fatos empíricos, a descrição dos dados é, na maioria dos casos, coincidente². Mais especificamente: a ordem de constituintes

¹ A discussão apresentada aqui é uma parte da discussão maior que fiz em Pinto (2011) sobre o movimento do verbo na história do espanhol europeu. Aqui, deixo de fora a análise formal para as línguas V2, a diferenciação estrutural entre as duas fases do espanhol e como se dá a mudança da gramática V2 para a gramática não V2 na história do espanhol, concentrando-me apenas na variação da ordem O-V como uma evidência de um processo de competição de gramáticas decorrente do contato entre línguas.

² De um lado, estão Fontana (1993) e Pinto (2011), que propuseram que o espanhol antigo tinha uma posição pré-verbal de especificador não exclusiva para o sujeito; de outro, se encontram Rivero (1991) e Martins (2003), que propuseram que as diferenças estruturais são resultantes de diferentes processos de adjunção.

no espanhol antigo era diferente daquela que se registra na atualidade. Entre os principais aspectos relacionados com a ordem de constituintes³ que distinguem a fase antiga da fase atual do espanhol podem ser destacados⁴:

- a) **Colocação dos clíticos:** No espanhol atual, a colocação dos clíticos está em distribuição complementar: em orações finitas, a próclise é categórica; em orações não finitas, a ênclise é categórica. No espanhol antigo, os clíticos obedeciam a outras restrições⁵ e podia haver ênclise a orações finitas e próclises a orações não finitas. No espanhol antigo ainda se registrava a mesóclise e a interpolação, fenômenos inexistentes no espanhol atual.
- b) **Os complexos verbais:** No espanhol atual, os complexos verbais (auxiliar/modal-verbo principal) não podem ter, quase nunca, algum elemento entre si. No espanhol antigo, diversos constituintes (sujeito nominais, sintagmas preposicionados) podiam aparecer entre os complexos verbais.
- c) **Fronteamento de complementos verbais e a duplicação pelo clítico:** No espanhol atual, há uma assimetria decorrente da estrutura informativa no fronteamento de complementos verbais. Na focalização, qualquer complemento verbal [\pm definido] pode ser frontado SEM retomada pelo clítico. Na topicalização, somente complementos verbais [+definidos] que possuam clítico equivalente (objeto direto e indireto apenas) podem ser frontados COM retomada obrigatória do clítico. Em contextos em que o complemento verbal não é marcado nem como foco nem como tópico, não é possível ser frontado. No espanhol antigo, por outro lado, qualquer complemento verbal podia ser frontado sem retomada pelo clítico independentemente de seu estatuto informativo.

Essas diferenças levaram Fontana (1993) a propor que o espanhol antigo seria caracterizado como uma língua V2 simétrica. A definição mais simples e baseada em critérios descritivos para as línguas V2 é que são línguas em que o verbo aparece na segunda posição da oração precedido exclusivamente por um constituinte, que pode ser o sujeito ou não. Quando o primeiro constituinte não é o sujeito, o sujeito aparece em posição pós-verbal. Os dados em (1) a seguir, nos quais o verbo é destacado em negrito, ilustram esse tipo de língua:

³ Hernanz e Brucart (1987) apresentam uma distinção entre línguas de ordem livre de palavras e línguas de ordem livre de constituinte. O espanhol tem sido, desde sua origem, uma língua de ordem livre de constituintes.

⁴ Para um maior detalhamento desses dados, ver Fontana (1993), Eberenz (2009) e Pinto (2011).

⁵ Uma dessas restrições é a lei de Tobler-Mussafia, que, resumidamente segundo Fontana (1993), diz que elementos átonos não podem estar na primeira posição da oração.

- (1) a. André het gister die storie geskryf
André tem ontem a história escrito
- b. Gister het André die storie geskryf
Ontem tem André a história escrito
- c. Die storie het André gister geskryf
A história tem André ontem escrito
- d. Nêrens praat mense meer Latyn nie
Em nenhum lugar falam as pessoas mais latim
- e. Wat lees jy vandag?
O que lê você hoje

(BIBERAUER, 2002, p. 19)

Descritivamente, as línguas V2 são divididas em dois grupos: línguas assimétricas, que manifestam o efeito V2 apenas em orações principais, como o alemão e o holandês; línguas simétricas, que manifestam o efeito V2 tanto em orações principais como em orações subordinadas, como o iídiche e o islandês. Em termos teóricos, as análises também se dividiam e os trabalhos propunham que o movimento do verbo era diferente em cada grupo de línguas: nas línguas assimétricas o verbo se moveria até CP, dado que os mesmos fenômenos observados com o verbo na oração matriz são observados com a conjunção na oração subordinadas e não há efeito V2 nas subordinadas, levando à conclusão de que verbo na oração matriz e conjunção na oração subordinada estão no mesmo lugar; nas línguas simétricas, o verbo se moveria até IP dado que a posição mais alta da oração subordinada já estaria ocupada pela conjunção, o que barraria o movimento do verbo para essa posição uma vez que o efeito V2 aparece também em orações subordinadas. Em Pinto (2011) fiz uma discussão sobre a análise do efeito V2 nas línguas humanas e propus, seguindo Vikner (1995), que o efeito V2, seja simétrico ou assimétrico, implica movimento do verbo para CP. Por razões de espaço, não tratarei da questão aqui, remetendo o leitor às obras citadas (VIKNER, 1995; PINTO, 2011) e às referências ali contidas.

Assumindo a hipótese de Fontana (1993), discutirei a variação na ordem O-V com e sem retomada pelo clítico para levantar o problema de que é possível supor que essa variação era decorrente de um processo de competição de gramáticas (uma gramática V2 concorrendo com uma gramática não V2), devido a diversos contatos entre línguas registrados na Espanha medieval.

1. O ESPANHOL ANTIGO E O EFEITO V2

O espanhol antigo apresentava uma gramática V2 simétrica, ou seja, uma língua V2 que exhibe o efeito V2 tanto em orações principais como em orações subordinadas, o que fica evidenciado a partir dos exemplos de (2) a (5) a seguir, adaptados de Pinto (2011, p. 255):

- (2) a. armas odiosas **tomaste**, matando a tu madre Clitemestra
b. como agora **fezieron** el maestre don Pero Núñez
- (3) a. E esta carta **otorga** la abatíssima Sancha Garcíez, e la priora doña María Fortúnez
b. si corazon **has**.
- (4) a. dios **debe** hombre **adelantar** y **poner** primeramente. en todos los buenos hechos que quisiere comenzar.
b. que no **puede** mi paciencia **tolerar** que haya subido en corazón humano conmigo en el ilícito amor comunicar su deleite.
- (5) a. si el deudor otros bienes **tuviese**
b. porque este cuerpo muchas lágrimas **ha dejado** a sus parientes:

Os exemplos em (2) ilustram a ordem linear V2; os exemplos em (3) ilustram a ordem O-V sem retomada clítica; os dados em (4) ilustram a ordem Aux-S-V; os dados em (5) ilustram construções de *object shif*. O conjunto de dados em (2) a (5) oferecem evidências de que o verbo, no espanhol antigo, se movia para CP.

2. A ORDEM O-V E A RETOMADA CLÍTICA ⁶

Hernanz e Brucart (1987) discutem que uma diferença do *fronteamento* de constituintes na *tematização* e na *focalização*⁷ no espanhol atual é a necessidade de

⁶ Quando me referir à ordem O-V, estou considerando objetos diretos e objetos indiretos. Mais especificamente estou fazendo referência àqueles complementos verbais que possuem clíticos equivalentes no espanhol atual, deixando de fora os complementos preposicionados.

⁷ Hernanz e Brucart (1987), Lambrecht (1994, 2001) e Gutiérrez Ordóñez (2000) expõem que o *tema* é sobre o que trata a oração e o *rema* é o que se fala sobre o tema. Muito simplificada mente, a *tematização* é um recurso para pôr o tema em destaque e a *focalização* é um recurso para pôr o rema em destaque. Vallduvi (1990) faz uma interessante discussão sobre o componente informacional, revisa acuradamente as teorias que foram propostas até então e mostra que algumas noções não são completamente correspondentes, entre elas, por exemplo, as dicotomias “tema-rema”, “tópico-comentário” e “foco-pressuposição”. Vallduvi (1990) também propõe

retomada por um clítico na *tematização* e a impossibilidade de retomada na *focalização*. Por outro lado, as línguas V2 exibem a ordem TOP-V sem que haja a presença de um clítico recuperando o tópico fronteado dentro da oração. Além disso, a posição do sujeito na ordem TOP-V é sempre imediatamente após o verbo finito nas línguas V2.

Discutindo a *tematização* e a *focalização* na *prosa alfonsí*, Fernández-Ordóñez (2009) comenta que o espanhol antigo se comportava da mesma forma que o espanhol atual com relação ao uso de clíticos e objetos fronteados: quando o objeto fronteado era um tópico, há retomada pelo clítico; quando o objeto era um foco, não há retomada. Contudo, Fontana (1993) e Mensching (2012) mostram que o espanhol antigo permite a ordem O-V, incluindo os casos de complementos pronominais tônicos, sem a presença do clítico em outros contextos além da *focalização*, o que o caracterizaria como uma língua V2⁸.

Os exemplos em (6) e (7) apresentam casos de ordem O-V sem retomada clítica em orações matrizes e subordinadas, respectivamente, e os exemplos em (8) e (9) apresentam casos de ordem O-V com retomada clítica no espanhol antigo

um modelo no qual seja possível capturar que uma oração contenha vários elementos discursivos. Por exemplo, a resposta de um contexto como em (i):

- (i) A: O que João bebeu?
B: João bebeu vinho.

Nos modelos anteriores não havia uma estrutura em que “João”, “bebeu” e “vinho” tivessem cada um uma função informativa. Duas possíveis análises são:

- (ii) a. João (tópico) / bebeu vinho (comentário)
b. João bebeu (pressuposição) / vinho (foco).

No modelo de Vallduvi (1990), a estrutura informativa é organizada da seguinte maneira:

- (iii) a. S = {FOCUS, GROUND}
b. GROUND = {LINK, TAIL} (VALLDUVI, 1990, p. 50)

FOCUS representa a informação nova (o foco); GROUND (que pode ser traduzido como *fundo*) representa a pressuposição. O que é interessante nesse modelo é que se recupera o fato de que, na pressuposição, pode haver um elemento de destaque. Daí, a pressuposição ser dividida em LINK, que representa esse elemento saliente; e TAIL (que pode ser traduzido como *cauda*), que é a parte não saliente da pressuposição. Voltando ao exemplo em (i), no modelo de Vallduvi (1990), a resposta seria organizada informativamente da seguinte maneira:

- (iv) [[João (link) / bebeu (tail)] (ground) / vinho (focus).

⁸ A ordem O-V que estou considerando como diferenciadora das duas fases do espanhol é aquela em que o objeto aparece na mesma oração em que está o verbo que o seleciona. Os casos em que o objeto de uma oração subordinada é tematizado na oração matriz ou haja coordenação/subordinação em que os verbos têm o mesmo complemento não são relevantes para esta discussão.

(séculos XII ao XV). O estatuto informativo do objeto fronteado será discutido na próxima seção.

Ordem O-V sem retomada em orações matrizes:

- (6) a. y su cabeza **colgaban** sobre la puerta del palacio. (11YY)b.
b. y a mi no **place** otra cosa si no el remedio de la muerte. (11YY)
c. E esta carta **otorga** la abatíssima Sancha Garcíez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento. (1206)
d. e del molino de Ribießela el medio **diemos** al monesterio e otro medio **damos** a vós (1206)
e. é á vos é á la Órden **peche** quanto demandare (1244)
f. Et esta vina uos **damos** en cambio por tres terras e vn vinnal. (1294)
g. Todos estos otros heredamientos sobredichos uos **do** yo [...] (1299)
h. E esto touo el enperador & los otros por grant marauilla por quel leon non los comjo todos (1325)
i. ponçonna **tengo** en mi (1350)
j. e al huesped **sea asignada** parte para donde rrazonable mente pueda estar conlos quelo han de seruir. (1390B)
k. e é estas siempre **derramo**. (1425)
l. armas odiosas **tomaste**, matando a tu madre Clitemestra (1425)
m. e a mí, commo a otros, **plega buscar** e **saber** las tales cosas (1444)
n. La qual dicha casa con su corral vos **vendo** [...] (1462)

Ordem O-V sem retomada em orações subordinadas:

- (7) a. cOmo estas: y otras muchas fortunas **contase** apolonio: (11YY)
b. cualquier que este hataud **hallare** pido que haya los diez marcos de oro (11YY)
c. y mando el hataud **lanzar** en la mar con gran lloro. (11YY)
d. E si otra cosa **hiciere** que el dolor demanda (11YY)
e. E tod aquel quj esta carta **quebrantar**, seia maldicto & descomungado (1223)
f. porque el nuestro linaje **ganaron** Montemolín e su término e lo dieron a la orden de cauallería de Sanctiago (1282)
g. et si esto non **pudiere iurar** (1242)

- h. si corazon **has**. (12YY)
- i. E renunçio la ley [...], e a todas las otras exçepciones que a mi **podiesen aprovechar** e a vos e a la priora e al convento sobredichos enpeçer. (1303)
- j. E renunçio la ley [...], e a todas las otras exçepciones que [...] e a vos e a la priora e al convento sobredichos **enpeçer**. (1303) k.
- k. si no que la carta del rey **ponia** por su demanda (1310)
- l. et quien por fuerça la aiena casa **quebrantare** (1345)
- m. el servicio, sacrificio, devoción y obras pías que, por este lugar **alcanzar** yo tengo a Dios ofrecido (1499)
- n. Y en verdad que ninguno **he visto** yo tan apasionado de letargía que tan olvidado esté de sí mesmo. (1500)

Ordem O-V com retomada em orações matrizes:

- (8) a. al de vil linaje no lo **debes menospreciar**. (11XX)
- b. el buen hombre muerto **enterraronlo** en aquella (11XX)
- c. El molino **ganólo** ell abade don Martino teniendo aquella casa (1229)
- d. el suelo no-l **vendió** que de Oña era. (1229)
- e. todo lo demeto e lo **do** a uos (1299)
- f. Y la vestidura tu me la **puedes dar**. (12YY)
- g. este cuerpo nuestro la natura lo **compuso** por causa de mal al cual los deleites suyos flacos y poco duraderos son mezclados con grandes dolores (1450B)
- h. e a todos los **desbarato**, que ninguno volvio a su tierra (1492)

Ordem O-V com retomada em orações subordinadas:

- (9) a. e lo que prometió vivo que amos los **Recebiera** aquel lugar así lo complio muerto (11XX)
- b. e lo que prometió vivo que amos los **Recebiera** aquel lugar así lo complio muerto (11XX)
- c. por que este homenaje no lo **pudieron hacer** con enemigo del rey (12XY)
- d. de guisa que el morador le **quede** parte dela posada donde rrazonable mente pueda estar el e su companna, (1390B)

Os exemplos anteriores mostram que objetos diretos e objetos indiretos podem ser fronteados tanto com retomada como sem retomada clítica. Os dados em (6b), (6e), (6m), (7i) e (7j) são interessantes porque mostram casos de

complementos pronominais tônicos fronteados sem a retomada clítica, o que em qualquer contexto (seja de *focalização*, *tematização*, pré-verbal ou pós-verbal) é impossível no espanhol atual.

Os dados em (7c), (7j) e (7m) mostram que também é possível o *fronteamen-*to de objetos em orações não-finitas. (7m) é claramente uma oração não-finita, subordinada pela preposição “para”. O dado em (7c) representa um complexo verbal, que se conhece na literatura como verbos de marcação excepcional de Caso⁹, e o complemento do verbo subordinado aparece entre os dois verbos. O exemplo em (7j) representa um dado de locução verbal (verbo modal “poder” + verbo lexical); como esta oração é uma oração coordenada (ver exemplo (7i)), e o verbo modal está elidido, não fica claro se o objeto foi deslocado para antes do verbo lexical ou para antes do verbo modal¹⁰. Contudo, nas orações não-finitas, não encontrei casos de objetos fronteados com retomada clítica.

Nos casos de ordem O-V sem retomada clítica, o sujeito, quando realizado, sempre aparece em posição pós-verbal, como ilustram (6b), (6c), (6g), (7a), (7f), (7n). Quando há retomada clítica, o sujeito pode aparecer entre o objeto e o verbo, como ilustram (8f) e (8g).

Para finalizar, os dados anteriores mostram que, no espanhol antigo, há possibilidade de *fronteamen-*to de objetos sem retomada clítica em contextos de *tematização*, como fica evidenciado através dos exemplos (6c), (6f) e (6n), que são fragmentos de documentos notariais referentes à doação e venda de bens. É evidente que o objeto fronteados nos referidos exemplos é o tópico da venda/doação, não podendo ter outra função informativa¹¹.

⁹ Verbos de Marcação Excepcional de Caso são aqueles verbos que conseguem atribuir um Caso diferente do nominativo para o argumento externo (sujeito) do verbo subordinado, como se pode ver em:

- (i) A Maria mandou o João comprar o pão.
- (ii) A Maria mandou-o comprar o pão.

Em (ii), o argumento externo do verbo subordinado “comprar” é realizado sob a forma de um pronome acusativo cliticizado ao verbo principal “mandar”. Para uma apresentação simplificada de Marcação Excepcional de Caso, ver Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2004).

¹⁰ Os complexos verbais do espanhol antigo parecem ter um comportamento um pouco diferente do dos complexos verbais do espanhol atual, no sentido de que pode haver mais tipos de constituintes entre o verbo modal e o verbo lexical, como se observa em:

- (i) a. a quien son obligados que los no **debe** por si **tomar**. (1310)
- b. y por esto **puede** hombre **entender** que ellos tienen las otras gentes de gro entendimiento. (1307)
- c. sin el cual no se **puede** cosa alguna **comenzar ordenar** (1400)

¹¹ Abaixo, em (17) e (18), apresento fragmentos mais extensos que reforçam essa análise.

3. DIFERENÇAS ENTRE TEMATIZAÇÃO E FOCALIZAÇÃO

Considerando que o espanhol antigo foi analisado como uma língua V2 por Fontana (1993), questiono se, de fato, as duas fases se comportam da mesma forma com relação à ordem O-V e o uso de clíticos, como propôs Fernandez-Ordóñez (2009), já que o que se espera em línguas V2 é a possibilidade (na realidade, obrigatoriedade) de ordem O-V sem retomada clítica em contextos em que línguas não V2 exigem a retomada clítica. Como os contextos de *focalização* não oferecem nenhum esclarecimento à questão porque já são os contextos em que o clítico não é usado no espanhol atual, interessa observar se há retomada clítica por um clítico em contextos de *tematização* e em contextos neutros. Os dados do espanhol antigo apresentados em (6) a (9) mostraram que, nesses dois contextos, embora haja casos de retomada clítica, há casos também de construções sem retomada pelo pronome clítico. Em (10) recupero alguns casos:

- (10) a. E esta carta **otorga** la abatíssima Sancha Garcíez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento. (1206)
- b. e del molino de Ribiella el medio **diemos** al monesterio e otro medio damos a vós (1206)
- c. e al huesped **sea asignada** parte para donde rrazonable mente pueda estar conlos quelo han de seruir. (1390B)
- d. E tod aquel quj esta carta **quebrantar**, seia maldicto & descomungado (1223)
- e. cualquier que este hataud **hallare** pido que haya los diez marcos de oro (11YY)

Os dados em (10a), (10b) e (10c) ilustram claramente casos de *tematização*. O primeiro caso é um fragmento do fechamento de uma carta de doação, em que o sintagma nominal “esta carta” aparece várias vezes no texto e não há contraste com nenhuma outra carta nem documento (Nos termos de VALLDUVI, 1990, “esta carta” é o *link*). A informação nova da oração é quem outorga a carta. O segundo caso trata do que se fez com um moinho, que é o tópico discursivo¹². As

¹² Zubizarreta (1999, p. 4218) diferencia o *tema discursivo* do *tema oracional*. Uma oração como (i) pode ter como *tema discursivo* as possibilidades em (iia) e (iib), porém, só (iia) pode ser considerado *tema oracional*.

- (i) El Sr. González es un científico muy erudito, pero su originalidad deja mucho que desear.
- (ii) a. O Sr. González.
b. A habilidade científica do Sr. González.

outras duas metades são o tópico/tema de cada oração; posteriormente se diz o que se fez com cada metade. O terceiro caso é interessante porque se trata de um caso de voz passiva, que é um recurso de *tematização*, já que tira o objeto da posição de complemento e o coloca na posição de sujeito. Por outro lado, os dados em (10d) e (10e), se não representam contextos neutros de fato, tampouco representam contextos típicos de *tematização*.

Quando os exemplos em (10) do espanhol antigo são comparados com as suas contrapartes (traduções) do espanhol atual, se observa um claro contraste sintático entre as duas fases. No espanhol atual, os exemplos (10a), (10b) e (10c) só seriam gramaticais com a presença do clítico; os exemplos (10d) e (10e) não são possíveis nem com clítico nem sem clítico: a única possibilidade é a ordem V-O. Vejam-se (11) e (12) a seguir, que ilustram o contraste de gramaticalidade. (11) ilustra as formas gramaticais do espanhol atual; (12) ilustra as formas traduzidas constituente por constituinte do espanhol antigo, que são agramaticais na atualidade.

- (11)
- a. Y esta carta la **escriben** la abatíssima Sancha Garcíez y la priora doña María Fortúnez y todo el convento.
 - b. Y del molino de Ribíella la mitad (se) la **dimos** al monesterio y la otra mitad se la **damos** a usted.
 - c. y al huésped le **sea asignada** parte para [...]
 - d. Y el que no **cumpla** esta carta [...]
 - e. A cualquier que **halle** este ataúd le pido que quede con los diez marcos de oro.
- (12)
- a. *Y esta carta **escriben** la abatíssima Sancha Garcíez y la priora doña María Fortúnez y todo el convento.
 - b. *Y del molino de Ribíella la mitad **dimos** al monesterio y la otra mitad **damos** a ustedes
 - c. *y al huésped **sea asignada** parte para [...]
 - d. *Y el que esta carta no **cumpla** [...]
 - e. *Cualquier que este ataúd **halle** pido que quede con los diez marcos de oro.¹³

¹³ Os exemplos (10e), (11e) e (12e) são interessantes porque, além da obrigatoriedade da ordem V-O na oração relativa, é necessário também usar o clítico para retomar o objeto indireto do verbo principal “pedir”. A forma “cualquier que halle este ataúd pido que...”, embora tenha a ordem V-O na oração relativa, também é agramatical.

A diferença entre as duas fases com relação ao *fronteamento* de constituintes fica evidente também quando se consideram os pronomes complementos tônicos. No espanhol antigo, as formas tônicas podiam aparecer sem as respectivas formas átonas (clíticos) tanto antes como depois do verbo. No espanhol atual, as formas tônicas, independentemente de se estão pré- ou pós-verbalmente, só podem aparecer se as respectivas formas átonas estiverem presentes¹⁴. Os dados em (13) ilustram as possibilidades do espanhol antigo e os dados em (14) e (15) ilustram as possibilidades e as impossibilidades do espanhol atual respectivamente:

Pronomes tônicos no espanhol antigo

- (13) a. y a mi no **place** otra cosa si no el remedio de la muerte. (11YY)
 b. e otro medio **damos a vós** (1206)
 c. é á vos é á la Orden **peche** quanto demandare (1244)
 d. e de todos los derechos que a ellas **perteneçen** (1303)

Possibilidades de pronomes tônicos no espanhol atual

- (14) a. y a mi no me **place** otra cosa si no el remedio de la muerte
 b. Y la outra mitad se la **damos a ustedes**
 c. y a ustedes y a la Orden les **pague** quanto demande
 d. y de todos los derechos que a ellas les **pertenecen**

Impossibilidades de pronomes tônicos no espanhol atual

- (15) a. *y a mi no **place** otra cosa si no el remedio de la muerte.
 b. *Y la outra mitad la **damos a ustedes**¹⁵
 c. Y* a ustedes y a la Orden **pague** quanto demande
 d. *y de todos los derechos que a ellas **pertenecen**,

A diferença estrutural dos pronomes tônicos nas duas fases da língua fica evidente quando se trazem à discussão contextos de *focalização*, contexto em

¹⁴ Essa restrição só é válida para objetos diretos e indiretos, quando as formas tônicas e átonas são possíveis. Outros casos, por exemplo, quando o pronome é complemento de uma preposição, a única opção é a forma tônica sem retomada pela forma átona (ver a discussão de LUJÁN, 1999):

(i) Esto es para mí.

¹⁵ Embora o clítico de acusativo esteja presente retomando o objeto direto fronteadado, se o clítico de dativo não estiver presente, a oração permanece agramatical.

que o espanhol atual não requer a duplicação do sintagma nominal pelo clítico. Quando um pronome tônico é focalizado (mesmo *in situ*), o pronome átono também é obrigatório:

- (16) a. Aquí estamos las tres, pero ahora me toca A MÍ.
b. *Aquí estamos las, pero ahora **toca A MÍ**.¹⁶

O contexto de (16) era o seguinte: uma programação em que se apresentaram três cantoras, sendo que a última era a mais antiga de todas. Quando entrou no palco, esta última cantora disse a oração em (16a). Fica claro que ela está fazendo um contraste entre as outras duas e ela.

Comentei que, diferentemente do espanhol atual — que só exhibe a ordem O-V em dois contextos sendo que em apenas um deles, ou seja, na *focalização*, o objeto não pode ser retomado pelo clítico (na *tematização* a retomada pelo clítico é obrigatória)—, o espanhol antigo exibia a ordem O-V sem clítico, em qualquer contexto informativo, seja neutro, seja de *tematização* ou de *focalização* (como os contextos de *focalização* não oferecem evidências para o ponto em discussão já que não permitem a presença do clítico também na variedade atual, não são trazidos para o debate). Vejam-se, por exemplo, os fragmentos em (17) e (18) a seguir:

- (17) Conosçuda cosa sea a quantos esta carta vieren commo nos don Per Alfonso, por la gracia de Dios abbat de Trianos, e nos, el conuento dese mismo lugar, ffazemos camio conuusco, Nunno Perez, fio de don Pero Perez de Ssant Ffagunt, e con Leonor Fferrandez, uostra muger. Nos, abbat e conuento sobredichos **damos** a uos, Nunno Perez e Leonor Ferrandez, uostra muger, la nostra vina que yaz enas Vegas, çerca Villazan, que a por linderos: de primera parte e de seguda parte uos, Nunno Perez e Leonor Ferrandez, de terçera Sancha Martinez, de quarta parte la rreguera que uien de las Fontanielas.

¹⁶ O contraste nas possibilidades de uso dos pronomes tônicos e nas possibilidades de *fronteamen-*to de complementos verbais com ou sem retomada clítica nos contextos que não os de *focaliza-*ção é um aspecto que ainda precisa ser estudado. Poderia ser argumentado que, neste caso, o problema está relacionado com o verbo “tocar” já que, mesmo com sintagmas nominais plenos, exige o pronome clítico, assim como o verbo “gustar” e “parecer” (ver FONTANA, 1993, a esse respeito). No entanto, se são considerados outros verbos que não obriguem o uso do clítico com sintagmas nominais plenos, o contraste continua:

- (i) a. Maria vio/llamó/invitó/saludó a Juan.
b. *Maria vio/llamó/invitó/saludó a mí.
c. Maria me vio/llamó/invitó/saludó a mí.

Et esta vina asi como es determinada, vos **damos** por hereditat e por iuro de hereditat con todas sus pertenencias, asi como la nos auemos con todos quantos derechos nos e nostro monesterio y auemos e deuiemos auer en esta vina sobredicha.

Et esta vina uos **damos** en cambio por tres terras e vn vinnal.

O fragmento em (17) representa um trecho de uma carta de doação de uma vinha. Quando o sintagma nominal referente à vinha “la nostra vina” aparece a primeira vez, acontece a ordem V-O. No segundo trecho, “esta vina” é o tópico/tema da oração e aparece na ordem O-V sem a retomada clítica. O mesmo acontece no terceiro trecho. Como fica claro pelo fragmento, “esta vina” não pode ser considerada um foco tendo em vista que não há contraste com nenhuma outra propriedade que esteja sendo dada. Mais uma vez, o segundo e o terceiro trechos, no espanhol atual, só seriam possíveis se houvesse a retomada pelo clítico.

(18) El cual ese dia con los discipulos a la ribera andaba y **vio** el hataud que estava lanzado de las ondas y dijo a sus siervos **tomad** este hataud con toda diligencia y trahed lo a la villa el cual como hiciesen el medico abrio y vio dentro una doncella apostada y ornada de ornamentos reales muy hermosa yaciente casi muerta y espantado dice o buena doncella porque sois as’ desamparada: y vio de bajo de su cabeza puesta copia de oro: y debaxo de la pecunia una carta escrita: y dice sepamos que contiene la carta. la cual como abriese fallo un titulo escrito.

cualquier que este hataud **hallare** pido que haya los diez marcos de oro: y los otros diez de para la sepultura.

No fragmento em (18), “este hataud” aparece com a ordem V-O durante a narração. Contudo, na transcrição da mensagem da carta, se observa a ordem O-V. É difícil imaginar que “este hataud”, neste contexto, possa ser interpretado como um elemento tematizado, mesmo que seja um tópico pendente. Pelo que se observa do fragmento, o tópico pendente é toda a oração relativa livre “cualquier que este hataud hallare”. “este hataud”, dentro deste, contexto pode ser entendido como um elemento neutro, já que não representa a informação nova com relação ao que deve ser achado, nem representa a informação dada/conhecida, porque não aparece anteriormente no contexto da mensagem da carta nem é sobre o que se fala. No espanhol atual, o objeto direto do verbo, neste contexto, aparece obrigatoriamente na ordem V-O.

4. A ORDEM XP-V E A POSIÇÃO DO SUJEITO

Como mostrei anteriormente, o espanhol antigo exibia a ordem O-V sem duplicação clítica, mesmo em contextos neutros e de *tematização*, diferentemente do espanhol atual, que só exhibe a ordem O-V sem duplicação clítica em contextos de *focalização*, o que conduz à conclusão de que há diferenças no estatuto da posição imediatamente pré-verbal entre as duas fases do espanhol. Os exemplos em (19) e (20) a seguir ilustram esse contraste entre as duas fases do espanhol:

- (19) a. E esta carta **otorga** la abatíssima Sancha Garcíez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento. (1206)
b. Y en verdad que ninguno **he visto** yo tan apasionado de letargía que tan olvidado esté de sí mesmo. (1500)
- (20) a. Las acelgas María las **detesta**.¹⁷
b. Al guardia María lo **atizó**. (HERNANZ; BRUCART, 1987, p. 82 e 89)

Além da questão da presença/ausência do clítico, uma diferença com relação à ordem O-V é que, no antigo, como mostra (19), o sujeito está posposto (também pode estar nulo), superficializando a ordem O-V(-S) e, no atual, como mostra (20), o sujeito pode estar disposto pré-verbalmente, entre o objeto e o verbo, superficializando a ordem O-(S-)cl-V.

Outro aspecto interessante sobre a posição do sujeito na ordem XP-V vem da observação do *fronteamento* de orações subordinadas. Vance, Donaldson e Steiner (2009) mostram que, já no francês dos Séculos XII-XIII, quando se fronteava uma oração subordinada, o sujeito podia aparecer em posição pré-verbal. No espanhol antigo, quando se fronteava uma oração subordinada, o sujeito aparecia em posição pós-verbal. No espanhol atual, por outro lado, não há restrição ao sujeito pré-verbal quando se fronteia uma oração subordinada, vide o contraste entre os dados em (21) do espanhol antigo e (22) do espanhol atual:

¹⁷ a. [El sillón] TOP, Pedro lo compró en el mercado de pulgas.
b. [A una amiga] TOP, Pedro la invitó a bailar.
c. [Dinero] TOP, todo el mundo necesita.
d. Estoy segura de que [a sus amigos]TOP, Maria los invitó a cenar. (ZUBIZARRETA, 1999, p. 4220/4222)

O exemplo (ic) é interessante porque se trata de sintagma nominal de massa fronteado sem determinante, único caso em que o objeto direto pode ser tematizado sem duplicação clítica no espanhol já que o clítico tem um caráter [+específico] e os nomes de massa têm um caráter [-específico].

- (21) a. mas como se quitaba el cuerpo sobreuino un discipulo del medico joven de edad: (11YY)
b. Ofrescidos en el templo muchos preciosos dones: comienzo recontar apolonio como el angel le había reuelado. (11YY)
c. si tu entiendes el hecho perescera el nombre de padre en mi. (11YY)
- (22) a. Si llueve mucho, Juan no va a ir a la escuela.
b. Como me digas algo, yo te doy una paliza.

O que o contraste mostra, tanto com relação à ordem O-V como em relação às orações subordinadas fronteadas entre o espanhol antigo e o espanhol atual, é que, no espanhol antigo, o sujeito não tinha uma posição pré-verbal exclusiva para si, ao contrário do espanhol atual, que dispõe de uma posição pré-verbal exclusiva para o sujeito.

A hipótese de Fontana (1993) para explicar a mudança do espanhol antigo de um sistema V2-IP para o espanhol atual, caracterizado por um sistema não V2, é justamente a hipótese de que alguma coisa mudou na posição pré-verbal do espanhol antigo para o espanhol atual. Em Pinto (2011), argumentei no sentido contrário: a mudança na posição pré-verbal não é a causa da mudança linguística, mas sim a consequência dela¹⁸.

5 COMPETIÇÃO DE GRAMÁTICAS

Os dados do espanhol antigo levam ainda a uma consideração bastante relevante: o espanhol antigo parece não possuir uma gramática V2 pura, mesmo que se considere o efeito V2 das línguas românicas antigas diferente do efeito V2 das línguas germânicas atuais. Fontana (1993) e Martins (2003), por um lado, constroem seus argumentos com base nas estruturas V2 e por isso consideram as duas fases distintas. Fernández-Ordóñez (2009), por outro lado, constrói seus argumentos com base nas estruturas não V2, idênticas às estruturas da gramática atual.

Apesar dos dados substanciais de Fontana (1993) e Martins (2003), que mostram uma clara diferenciação gramatical entre as duas fases do espanhol,

¹⁸ A divergência de perspectiva está no fato de que, em Pinto (2011), assumo a teoria de Lightfoot (1991, 1998, 2006) das pistas para a aquisição. Seguindo esse modelo, em que a aquisição da linguagem é o lugar da mudança linguística, a criança analisa os dados e obtém deles pistas para a fixação paramétrica. Isso implica que primeiro os dados precisam mudar para que a criança faça a reanálise estrutural. Se a representação estrutural muda antes do dado, a criança não precisa ter acesso ao dado para desencadear a mudança. Este, ao meu ver, é o problema das análises de Rivero (1991), Fontana (1993) e Martins (2003).

Salvi (2001), Pinto (2011) e Mensching (2012) mostram que eram registradas as duas ordens O-V e O-cl-V (ignore-se a posição do clítico, se proclítico ou enclítico) como ilustram (23a) e (23b) respectivamente:

- (23) a. y su cabeza **colgaban** sobre la puerta del palacio
b. El molino **ganólo** ell abade don Martino teniendo aquella casa (PINTO, 2011, p. 96-97)

Taraldsen (1986) propõe que as construções de deslocamento à esquerda clítico (CLLD - *clitic left dislocation*), como (23b), são a contraparte das construções V2, como (23a). Pode-se dizer que CLLD e V2 são opções diferentes para o mesmo parâmetro¹⁹. Logo, parece que havia, no espanhol medieval, um processo de competição de gramáticas, como proposto por Kroch (2001), em que uma gramática V2 competia com uma gramática não V2, resultando no desaparecimento da gramática V2 na passagem do século XV para o século XVI²⁰.

Sobre o processo de competição de gramáticas, se pode trazer para a discussão as considerações de Salvi (2001) e Mensching (2012):

That the Old Romance languages had a V2 structure has been recognized for a long time and has been studied in deep in the frame of generative grammar too [...]. But it is hardly even noted [...] that Old Romance text marginally present also sentences of another structural type, which represent a sort of transition between Latin and Romance sentence structure. (SALVI, 2001, p. 297)

Although this account shows that Old Romance, at this early stage, already allowed for the modern structure, the analysis contains no syntactic explanation of why the clitic is often absent in Old Romance topicalization structures, whereas it is obligatory in the modern stages of almost all of these languages. (MENSCHING, 2012, p. 26)

¹⁹ Cinque (1995) mostra que, em línguas V2, o objeto fronteado, por ter sido movido, se caracteriza como um operador e consegue legitimar a categoria vazia deixada como uma variável; por outro lado, em línguas não V2, o objeto fronteado na CLLD, por não ter sido movido, não se caracteriza como operador e, portanto, deixa a categoria vazia sem ser legitimada. O clítico é um instrumento de último recurso para legitimar a categoria vazia.

²⁰ O seguinte trecho de Kroch (1989, p. 3) também sustenta essa afirmação:

To study the process of change, we must recognize that the historical texts from which we abstract our data are records of language in use. They have preserved, for us to re-experience or to study, past human linguistic activity; and this activity was not that of ideal speaker/hearers in a homogeneous setting but that of actual people in specific historical circumstances. [...] Furthermore, the widespread occurrence of bilingualism and diglossia show that people often know more than one grammatical system; and the striking phenomenon of intra sentential code-switching reveals that, in using their knowledge, people may switch fluently between forms from different systems.

Outro ponto que também evidencia a existência de duas gramáticas diferentes no espanhol antigo é a posição do sujeito pós-verbal. Como mostrei, o espanhol antigo apresenta tanto a ordem V-S(-XP) como a ordem V-XP-S. Nas línguas V2 prototípicas, quando o sujeito não é o primeiro XP, aparece sempre imediatamente depois do verbo, na ordem XP-V-S(-XP). Nesse sentido, o fato de que o espanhol antigo apresente também a ordem V-XP-S é outra evidência a favor da existência de uma gramática não V2.

6. O EFEITO V2 NAS LÍNGUAS GERMÂNICAS ANTIGAS E O CONTATO ENTRE LÍNGUAS

Considerando a sócio-história do latim e das línguas românicas, ou seja, pondo em destaque as invasões germânicas no Império Romano, gostaria de levantar a hipótese de que o efeito V2 e os aspectos relacionados com o movimento do verbo para CP que são encontrados nas línguas românicas antigas são uma influência germânica²¹ no latim/romance decorrente do processo de transmissão linguística irregular devido a um processo de aprendizagem imperfeita durante o contato entre os povos germânicos e românicos na Idade Média. E, no caso do espanhol, a variação gramatical pode ter sido reforçada com a chegada dos francos durante o Século XI conforme discutido em Tuten (2003). Ou seja, os povos germânicos chegaram já em maior ou menor grau romanizados na Península Ibérica e falavam um latim, que era a língua lexificadora, com uma sintaxe germânica. Como os povos germânicos se tornam a classe social de prestígio, é essa língua que vai servir de modelo linguístico para o restante da população²².

Kaiser (1999, 2006), Rinke (2009) e Cruschina e Sitaridou (2009)²³ se posicionam contra a análise de que as línguas românicas antigas eram línguas

²¹ Mathieu (2007, 2009) estuda o francês antigo e mostra que muitas das propriedades encontradas no islandês atual são identificadas no francês antigo, tais como construções transitivas expletivas, *object shift*, inversão estilística, além do efeito V2 (alguns dos exemplos ilustrados em (2)-(5) acima). Embora essas propriedades sejam relevantes para a questão, acredito que uma comparação com as línguas germânicas antigas traga resultados mais fidedignos para o debate porque, como Santorini (1989, 1995) mostra, o iídiche apresenta uma mudança gramatical na sua história, passando de uma língua V2 assimétrica para uma língua V2 simétrica.

²² Guerras (1995) faz uma apresentação dos povos germânicos, sua relação com os romanos e sua participação no Império. Com relação ao fato de terem sido romanizados, Guerras (1995, p. 79) diz: “[os germanos] Antes, pelo contrário, o respeitaram, estabeleceram pactos de federação, se integraram primeiro no exército, depois na totalidade da vida do Império. Romanizaram-se ao mesmo tempo que ocorreria a germanização dos romanos”. Ou seja, ao contrário do que faz acreditar a tradição linguística hispânica, a língua latina e suas variedades também foram influenciadas pelos povos germânicos durante o longo contato que as duas sociedades tiveram.

²³ Ver também as referências citadas pelos autores.

V2 com o argumento de que o que se chama de efeito V2, nas línguas românicas antigas, é bem diferente do que se entende por efeito V2 nas línguas germânicas atuais. Cruschina e Sitaridou (2009) argumentam que a ordem linear V2 das línguas românicas antigas não era um requerimento estrutural (formal) da gramática, mas decorrente de uma relação para satisfação de critérios, no sentido de Rizzi (1991, 1997), por razões informativas²⁴.

No entanto, se forem considerados estudos como os de Axel (2007) e Hinterhölzl e Petrova (2010), se pode notar que as próprias línguas germânicas, em fases mais antigas, não se comportavam como as línguas germânicas atuais²⁵. Os autores mostram que as línguas germânicas antigas eram muito mais frouxas com relação ao efeito V2 do que o são na atualidade.

Hinterhölzl e Petrova (2010) associam as possíveis ordenações à estrutura informativa do discurso e mostram que o Old High German, fase mais antiga da língua alemã, era uma língua do tipo V1 e que o efeito V2 somente aparecia quando havia um tipo especial de *tematização*, o *aboutness topic*, que é um referente já conhecido no discurso prévio sobre o qual é acrescentada alguma informação²⁶. Ou seja, a posição do verbo era como uma divisória entre o referente do discurso e o restante da oração. Por outro lado, os autores mostram que o inglês e o saxão antigos tinham um comportamento levemente diferente do alemão antigo: nessas línguas a posição do verbo servia para separar todas as informações conhecidas (não só o *aboutness topic*) do resto da oração. Assim o efeito V2 aparecia superficialmente por acidente no caso de haver apenas um constituinte conhecido no discurso. Fica claro, portanto, que, nas línguas germânicas antigas, a posição do verbo servia para fazer uma divisão da estrutura do discurso e que as línguas germânicas atuais (exceto o inglês, que perdeu o efeito V2 ao longo de sua história) generalizaram o uso da primeira posição independentemente de fatores discursivos.

²⁴ A discussão da periferia esquerda das línguas românicas proposta em Benincà (2006) vai neste sentido: o verbo ocupa a posição de núcleo equivalente à posição de especificador na qual o XP em primeira posição se encontra. Um dos argumentos de Cruschina e Sitaridou (2009) para esta análise é o fato de as línguas românicas antigas permitirem muita construção V1. Esse fato, como discutido em Pinto (2011) e Ribeiro (1995), não descaracteriza as línguas românicas antigas como línguas que exibem movimento do verbo para CP. Além disso, na análise de Cruschina e Sitaridou (2009), se perde o fato de ser possível a ordem O-V em contextos neutros.

²⁵ Ou seja, toda contra-argumentação de Kaiser (1999), Rinki (2009) e Cruschina e Sitaridou (2009) à análise de Ribeiro (1995) de que o português antigo era uma língua V2, está baseada em comparação com as línguas germânicas atuais, que, de fato, se comportam de forma diferente das línguas germânicas antigas.

²⁶ Há também casos de ordem V3, embora sejam raros segundo Hinterhölzl e Petrova (2010).

Axel (2007) comenta que o Old High German é a fase mais antiga do alemão a que se tem registro e consiste de um punhado de textos escritos entre os Séculos VIII e XI. Contudo, se os textos escritos apareceram na segunda metade do Século VIII, pode-se prever que, na língua falada, tais características já estivessem presentes há algum tempo e também poderiam ser encontradas nas outras línguas germânicas que chegaram ao Império Romano poucos séculos antes. É evidente, no entanto, que seria necessário ter acesso a textos mais antigos. De qualquer forma, fica pendente de explicação como as línguas românicas exibiram em conjunto, nas suas fases antigas, ordenações que mostravam claramente um movimento mais alto do verbo: o português e o espanhol apresentavam bastante ordem V1 e ordem V2 (e pelo que parece, o francês antigo apresentava um efeito V2 bastante mais rígido)²⁷.

Em síntese: as línguas germânicas antigas tinham o padrão V1, com movimento do verbo para CP, e exibiam a ordem V2 quando havia uma divisão entre o tópico e o resto da oração. Os dados do espanhol entre os Séculos XII e XIV, apresentados em Pinto (2011), mostram que (a) a língua tinha um padrão V1 em orações subordinadas (mais de 50% dos dados de orações subordinadas) e (b) o efeito V2 era bastante produtivo em orações matrizes (numa média de 50% dos dados). Essa diferença entre orações matrizes e orações subordinadas pode ser explicada da seguinte maneira: as orações matrizes são as responsáveis pela introdução de novos tópicos no discurso, enquanto que as orações subordinadas acrescentam informações sobre esses tópicos já introduzidos (veja-se por exemplo o caso das orações relativas que dificilmente vão permitir uma *tematização* interna, já que o próprio elemento relativizado é quem representa o tema discursivo). O processo de transmissão linguística irregular pode explicar por que, mesmo em contextos em que não havia um tema discursivo, como no fragmento em (18), se encontrava a ordem O-V. Pode-se conjecturar, então, que, num primeiro momento, os povos germânicos fronteavam constituintes como nas línguas germânicas antigas (ver HINTERHÖLZL e PETROVA, 2010) e os falantes latinos que já habitavam a Espanha não fronteavam constituintes como

²⁷ A questão permanece aberta independentemente de se assumir o latim tardio como uma língua S-O-V- ou língua S-V-O (ou qualquer que seja a ordem). Como se sabe, com a perda da morfologia casual, as palavras precisaram ter suas relações estabelecidas a partir da ordem, causando um enrijecimento na ordem de palavras. Lapesa (1981) também aponta que a total flexibilidade na ordem de palavras, fazendo com que elementos modificadores estivessem separados, inclusive, dos núcleos que modificavam era uma característica do latim clássico, explorada na escrita; a língua falada, por outro lado, não dispunha de tal recurso. Por fim, Chirita (2003) aponta que o latim mesmo já teria uma estrutura V2.

os germânicos; num segundo momento, como a geração posterior não aprendeu como frontear constituintes corretamente (entenda-se frontear de acordo com a geração germânica anterior e tinham os germanos como modelo de prestígio dada sua posição social), estendiam o *fronteamento* para contextos nos quais a geração anterior não fronteava constituintes.

É interessante observar que essa generalização da primeira posição no espanhol antigo difere da generalização das línguas germânicas atuais: Hinterhölzl e Petrova (2010) mostram que, no caso de orações neutras, que funcionam como resposta à pergunta “O que aconteceu?”, o alemão não permite a ordem O-V-S; a ordem S-V-O é obrigatória²⁸. O espanhol antigo, como mostrei em (18), por outro lado, já exibia a ordem O-V nesses contextos²⁹. Este fato também parece ilustrar um processo de transmissão linguística irregular no sentido de que, nas línguas germânicas antigas, a posição pré-verbal era destinada a um uso discursivo específico; os falantes do espanhol antigo não aprenderam essas regras discursivas e não moviam nenhum constituinte para a primeira posição e ora colocavam constituintes sem nenhum valor discursivo marcado na primeira posição da oração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados discutidos ao longo deste texto mostram que havia variação linguística no espanhol antigo. Por um lado, eram encontradas construções com a ordem O-V, que caracterizariam o espanhol antigo como uma língua V2. Por outro lado, também eram registradas construções com a ordem O-cl-V, o que descaracterizaria o espanhol antigo como uma língua V2. Parece que esses dados têm sido o ponto de divergência entre as duas análises, fazendo com que alguns autores defendam a análise de que o espanhol antigo era uma língua V2 enquanto outros sejam categoricamente contra essa proposta. Meu posicionamento, no entanto, vai no sentido de relacionar os aspectos da história social com os da história linguística e propor, juntamente com outros autores, como Salvi (2001) e Mensching (2012), que se observavam, no espanhol antigo, duas gramáticas em concorrência.

²⁸ Essa restrição é conhecida como *Minimal Link Condition*: Quando dois elementos competem pela mesma posição, o mais perto se move. Como sujeito e objeto não possuem traços discursivos específicos na resposta à pergunta “O que aconteceu?”, o sujeito, que está mais próximo da posição alvo, é quem se move para satisfazer o efeito V2. Arteaga (1998) faz uma análise interessante nesse sentido para o francês antigo.

²⁹ A pergunta que poderia ser feita em (18) não é “O que aconteceu?” mas “O que diz a carta?”, o que, de todos os modos, oferece os mesmos resultados.

Tem sido assumido consensualmente que as línguas românicas atuais seriam o resultado da mudança natural do latim, fato que precisa ser revisto porque, talvez, com influência ideológica do Renascimento, os efeitos linguísticos dos contatos populacionais tenham sido esquecidos na história das línguas românicas. Chomsky (1965) e Hernanz e Brucart (1987) discutem que a gramática, entendida como processos de organização e estruturação interna de orações, só foi desenvolvida nos estudos linguísticos a partir do modelo gerativista. Antes disso, seja na perspectiva tradicional ou estruturalista, a gramática era entendida como as partes da oração, caracterizando muito mais o estudo da morfologia que da sintaxe propriamente dita. Dessa forma, como os estudos sobre a formação das línguas românicas são bastante anteriores ao modelo gerativista, a sintaxe aparece apenas tangencialmente nessas discussões, não fornecendo muitos elementos. Além disso, somente na década de 1980, com o trabalho seminal de Siegel (1985) é que toma corpo o modelo teórico da sociolinguística histórica, interessado nos processos e dinâmicas de contatos entre línguas na constituição das diversas línguas humanas³⁰.

A discussão que apresentei aqui, em vez de conclusiva, é, pelo contrário, sugestiva e o ponto de partida para uma agenda que pretendo desenvolver em trabalhos futuros. Questões instigantes e intrigantes aparecem, entre as quais podem ser apontados, tomando como ponto de partida a Espanha medieval, os fatos a seguir, agrupados em três momentos. 1) Olhando para o presente daquele momento, como se caracterizavam as duas gramáticas do espanhol medieval e quais seriam seus aspectos convergentes e divergentes?; 2) Olhando mais para trás, como teria surgido e de onde teria se originado o processo de competição de gramáticas? Qual gramática surgiu primeiro e como a outra entra em competição?; 3) Olhando para o futuro, como a gramática V2 desaparece fazendo com que a gramática não V2 prevalecesse? Em Pinto (2011), seguindo a proposta das pistas para a aquisição da linguagem de Lightfoot (1991, 1998, 2006), esbocei um modelo que tenta explicar a perda da gramática V2 a partir da redução da

³⁰ Aqui são necessárias duas observações. 1) Só a partir desse quadro teórico, as discussões sobre a história do espanhol começaram a ser revistas pensando nos processos de contatos de línguas, no caso da América por Fontanella de Weinberg (1993), e no caso da Espanha por Tuten (2003). 2) As teorias do substrato, superstrato e adstrato, bem conhecidas na linguística românica, são antigas porém enfatizam, segundo entendo, os resultados dos contatos e os aspectos que não podem ser explicados pelo sistema linguístico em análise. Dessa forma, essa perspectiva perde muito do seu poder explicativo, porque, como também mostrei em Pinto (2011), o resultado do contato linguístico pode ser a manutenção do fenômeno e não somente o seu aparecimento ou desaparecimento.

frequência da ordem O-V sem a retomada pelo clítico como o gatilho para a reanálise de uma língua XP-V para uma língua S-V. Porém, não toquei nas duas primeiras questões.

As perguntas levantadas ultrapassam o problema descritivo do espanhol e alcançam o nível teórico do modelo gerativista mesmo oferecendo um bom debate sobre como a variação linguística se materializa e como pode ser caracterizada num modelo mentalista minimalista que rejeita a opcionalidade. O trabalho precisa ser aprofundado com maior quantidade de dados linguísticos e históricos, para, a partir de uma melhor relação entre sintaxe e história social, ser possível o lançamento de mais luz sobre a questão e ter esses fatos esclarecidos.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Marianne. *Old French, Null Subjects and Verb Second Phenomena*. Dissertation (Ph.D.) – University of California, 1987.

ARTEAGA, Deborah. Sobre el V2 en el francés antiguo y la fuerza relativa de los rasgos sintácticos. *Thélème, Revista Complutense de Estudios Franceses*, n. 13, p. 171-184, 1998.

AXEL, Katrin. *Studies on Old High German Syntax Left sentence periphery, verb placement and verb-second*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

BENINCÀ, Paola. Complement Clitics in Medieval Romance: The Tobler-Mussafia Law. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian. (Org.). *Clause structure and language change*. Nova Iorque; Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 325-344.

_____. A Detailed Map of the Left Periphery of Medieval Romance. In: ZANUTTINI, Raffaella et al. (Org.). *Negation, Tense and Clausal Architecture: Cross-linguistics Investigations*. Washington: Georgetown University Press, 2006. p. 53-86.

BIBERAUER, Theresa. Verb second in Afrikaans: Is this a unitary phenomenon? *Stellenbosch Papers in Linguistics*, v. 34, p. 19-69, 2002.

CHIRITA, Diana. Did Latin influence German word order? Aspects of German-Latin bilingualism in the Late Middle Ages. In: BRAUNMÜLLER, Kurt; FERRARESI, Gisella. (Org.). *Aspects of Multilingualism in European Language History*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 173-200.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1965.

CINQUE, Guglielmo. Bare quantifiers, quantified NPs, and the notion of operator at S-structure. In: _____. *Italian syntax and Universal Grammar*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1995. p. 104-120.

CRUSCHINA, Silvio; SITARIDOU, Iohanna. From Modern to Old Romance: The Interaction between Information Structure and Word Order. In: DIGS, 11., 2009, Campinas. *Caderno de Resumos*. Campinas: UNICAMP, 2009. p. 24-27.

EBERENZ, Rolf. La periodización de la historia morfosintáctica del español: propuestas y aportaciones recientes. *Cahiers D'études Hispaniques Médiévales*, n. 32, p. 181-201, 2009.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inês. *Orden de palabras, tópicos y focos en la prosa alfonsí*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2009. (Citado do Manuscrito).

FONTANA, Josep María. *Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish*. 1993. Dissertation (Ph.D) – Universidade da Pensilvânia, (1993).

FONTANELLA DE WEINBERG, Maria Beatriz. *El español de América*. 2. ed. Madri: Mapfre, 1993.

GUERRAS, Maria Sonsoles. *Os povos bárbaros*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador. *Temas, remas, focos, tópicos y comentarios*. 2. ed. Madrid: Arco/Libros, 2000.

HERNANZ, María Luisa; BRUCART, José María. *La sintaxis*. Principios teóricos. La oración simple. Barcelona: Crítica, 1987.

HINTERHÖLZL, Roland; PETROVA, Svetlana. From V1 to V2 in West Germanic, *Lingua*, v. 120, Issue 2, p. 315-328, 2010.

KAISER, Georg A. A ordem das palavras e a posição do verbo finito no português antigo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ORGANIZADO POR MOTIVO DOS VINTE ANOS DO PORTUGUÊS NO ENSINO SUPERIOR. *Actas*. Budapeste: Departamento de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade Etövös Loránd, 1999. p. 248-259.

_____. Sobre a alegada perda do sujeito nulo no português brasileiro. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 11-42. v. 6, tomo 2.

KROCH, Anthony. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variation and Change*, v. 1, p. 199-244, 1989. (Citado do manuscrito).

_____. Syntactic Change. In: BALTIM, Mark; COLLINS, Chris. (Org.). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell, 2001. p. 699-730.

LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form*. Topic, focus, and the mental representations of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. (Cambridge Studies in Linguistics, 71).

_____. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics*, v. 39, n. 3, p. 463-516, 2001.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. 9. ed. Madrid: Gredos, 1981.

LIGHTFOOT, David. *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1991.

_____. Cue-based acquisition and change in grammars. In: _____. *The development of language, acquisition, change and evolution*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 144-177.

_____. *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LUJÁN, Marta. Expresión y omisión del pronombre personal. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. v. 3. p. 1276-1315.

MARTINS, Ana Maria. From unity to diversity in Romance syntax: A diachronic perspective of clitic placement in Portuguese and Spanish. In: BRAUNMÜLLER, Kurt; FERRARESI, Gisella. (Org.). *Aspects of Multilingualism in European Language History*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 201-233.

MATHIEU, Eric. À propos des propriétés germaniques de l'ancien français. *Cahiers linguistiques d'Ottawa/Ottawa Papers in Linguistics*, v. 35, p. 107-136, 2007.

_____. On the Germanic properties of Old French. In: CRISMA, Paola; LONGOBARDI, Giuseppe Longobardi. (Org.). *Historical Syntax and Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 344-357.

MENSCHING, Guido. Old Romance word order: a comparative minimalist analysis. In: GALVES, C. et al. (Org.). *Parameter theory and linguistic change*. Oxford: OUP, 2012. p. 21-42.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, M. Cristina; LOPES, Ruth. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

PINTO, Carlos Felipe. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, (2011).

RIBEIRO, Ilza. *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. 1995. Tese(Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 1995.

RINKE, Esther. Verb placement in Old Portuguese. In: DUFTER, Andreas; JACOBS, Daniel. (Org.). *Focus and background in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 309-332.

RIVERO, Maria Luisa. Clitic and NP Climbing in Old Spanish. In: CAMPOS, Héctor; MARTINEZ-GIL. (Org.). *Current studies in spanish linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 1991. p. 241-282.

RIZZI, Luigi. *Residual verb second and the Wh criterion*. Universidade de Geneve, 1991. (Citado do manuscrito).

_____. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane. (Org.). *Elements of grammar*. Kluwer: Dordrecht, 1997. p. 281-337.

SALVI, Giampaolo. The two sentence structures of early Romance. In: CINQUE, Guglielmo; SALVI, Giampaolo. (Org.). *Current Studies in Italian Syntax*. Amsterdam: Elsevier, 2001. p. 297-312.

SANTORINI, Beatrice. *The Generalization of the Verb-Second Constraint in the History of Yiddish*. Dissertation(Ph.D) – University of Pennsylvania, 1989.

_____. Two types of verb second in the history of Yiddish. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian. (Org.). *Clause structure and language change*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 53-79.

SIEGEL, Jeff. Koines and koineization. *Languages in Society*, v. 14, p. 357-378, 1985.

TARALDSEN, Knut Tarald. On verb second and the functional content of syntactic categories. In: HAIDER, Hubert; PRINZHORN, Martin. (Org.). *Verb second Phenomena in Germanic languages*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 7-25.

TUTEN, Donald. *Koineization in Medieval Spanish*. Berlin; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2003.

VALLDUVI, Enric. *The informational component*. 1990. Dissertation (Ph.D.) – University of Pennsylvania, 1990.

VANCE, Bárbara; DONALDSON, Bryan; STEINER, Devan. *V2 Loss in Old French and Old Occitan: The Role of Fronted Clauses*. In: LINGUISTIC SYMPOSIUM ON ROMANCE LANGUAGES. 2009.

VIKNER, Sten. *Verb Movement and Expletive Subjects in the Germanic Languages*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

ZUBIZARRETA, Maria Luisa. *Prosody, focus, and word order*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1998.

_____. Las funciones informativas: tema y foco. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 4215-4244.v. 3.